

AMBIENTE DE PRÁTICA HOSPITALAR UNIVERSITÁRIO DO SUL DO BRASIL: PERCEPÇÃO DE PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM

GABRIELI ASSIS DA SILVA COVA¹; LUCAS DA SILVA DELLALIBERA²; RAQUEL DOS SANTOS³; BÁRBARA PEREIRA TERRES⁴; ALINE KÖHLER GEPPERT⁵; ADRIZE RUTZ PORTO⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – gabrielicova@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – dellaliberalucas.97@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - raquelsantossantos159@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - barbaraterres@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – aline.geppert@hotmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – adrizporto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A qualidade da assistência em enfermagem é influenciada também pelas condições do ambiente em que os profissionais atuam. A análise do ambiente de prática é importante para identificar e planejar a melhoria da prestação de cuidados de enfermagem. Por exemplo, o dimensionamento de pessoal hospitalar de enfermeiros é consideravelmente menor, quando comparado ao quantitativo de técnicos e auxiliares em enfermagem. Por ocasião da responsabilidade do enfermeiro com o gerenciamento da assistência, também é a categoria com menor abstenção, pois os profissionais buscam trabalhar, mesmo apresentando problemas de saúde para evitar que a equipe fique sem um profissional de referência (FREIRE; COSTA, 2016).

Lake, Amaral e Ferreira (2012) desenvolveram um instrumento mundialmente utilizado para a avaliação, análise e validação da qualidade do ambiente de trabalho, em que os profissionais de enfermagem estão inseridos, intitulado “*Practice Environment Scale of the Nursing Work Index (PES-NWI)*”. Durante o estudo para a elaboração deste instrumento, foi analisado que apesar dos tópicos ‘ambiente de trabalho’ e ‘satisfação geral no trabalho’ não serem o mesmo fator, estão diretamente ligados pela influência que um espaço laboral possui sob o desenvolvimento pessoal e profissional na qualidade do cuidado.

Na assistência em enfermagem, o espaço pode ser visto como um aglomerado de fatores sistemáticos e organizacionais que podem tanto facilitar, quanto dificultar a prática do profissional, prejudicando ou não a qualidade de vida e do serviço ali prestado (GUERRA *et al.*, 2019). Portanto, o contentamento com o ambiente e prática profissional pode ser visto como um conjunto de distintas camadas que podem ou não ser mutáveis, os quais são capazes de causar mais satisfação ou insatisfação, dependendo do ponto de vista, das influências organizacionais ou pessoais e do contexto onde estão inseridos (SILVA *et al.*, 2022). Com esta pesquisa, objetivou-se analisar o ambiente de prática de profissionais de enfermagem de um hospital universitário do sul do Brasil.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um recorte, referente ao município de Pelotas, de estudo multicêntrico, também com Brasília e Juiz de Fora. A pesquisa observacional do tipo descritivo teve coleta de dados entre julho de 2021 e agosto de 2022, com

utilização do aplicativo online Kobotoolbox, por três acadêmicos de enfermagem, bolsistas com capacitação e realizando convite presencialmente. O link de acesso foi enviado para o e-mail dos sorteados. A amostra aleatória com reposição foi calculada com software GPower 3.1.9.3, sendo 50 enfermeiros e 93 técnicos de enfermagem que trabalhavam na assistência direta. Os preceitos éticos foram respeitados e o projeto aprovado sob cadastro 89406618.2.0000.5147 na Plataforma Brasil.

Neste resumo, apresenta-se resultados do PES-NWI - Versão Brasileira validada, que possui 24 itens distribuídos em cinco subescalas. A confiabilidade das subescalas do instrumento PES foi verificada por meio da consistência interna com o cálculo do coeficiente alfa de Cronbach, que variou de 0,70 a 0,88 entre os técnicos e auxiliares de enfermagem e, entre enfermeiros, de 0,76 a 0,87 (GASPARINO, 2020).

Os escores para as subescalas são obtidos pela média das respostas dos participantes, que pode variar entre um e quatro pontos, do tipo Likert, discordo totalmente (um ponto), discordo (dois pontos), concordo (três pontos) e concordo totalmente (quatro pontos). Pontuação com valor de 2,5 pode ser interpretada como “ponto neutro”. Acima deste ponto, considera-se o aspecto avaliado pela subescala como “favorável à prática profissional” e abaixo, como desfavorável. Instituições com pontuações acima de 2,5 em nenhuma ou em uma subescala podem ser consideradas como locais com “ambientes desfavoráveis à prática profissional da enfermagem”. Instituições com pontuações acima de 2,5 em duas ou três subescalas podem ser consideradas como detentoras de “ambientes mistos” e instituições com pontuações acima de 2,5 em quatro ou cinco subescalas podem ser consideradas como “ambientes favoráveis à prática profissional da enfermagem” (GASPARINO, 2017).

A primeira delas, “participação dos enfermeiros na discussão dos assuntos hospitalares”, composta de cinco itens (5, 13, 17, 19 e 22), demonstra o papel e o valor do enfermeiro no amplo contexto hospitalar. A segunda, “fundamentos de enfermagem voltados para a qualidade do cuidado”, composta de sete itens (4, 14, 15, 18, 21, 23 e 24), destaca os altos padrões de qualidade do cuidado de enfermagem. A terceira, “habilidade, liderança e suporte dos coordenadores/supervisores de enfermagem aos enfermeiros/equipe de enfermagem”, composta de cinco itens (3, 6, 9, 11 e 16), enfatiza o papel do gerente de enfermagem na instituição, englobando qualidades-chave que um enfermeiro nesse cargo deve ter. A quarta subescala, “adequação da equipe e de recursos”, com quatro itens (1, 7, 8 e 10), descreve a necessidade de uma equipe adequada (dimensionamento e habilidade) e suporte de recursos para se prover um cuidado com qualidade. E a última subescala, “relações colegiais entre enfermeiros e médicos”, com três itens (2, 12 e 20), caracteriza as relações de trabalho positivas entre enfermeiros e médicos (GASPARINO, 2017).

Os dados foram exportados da nuvem para uma planilha do Programa Microsoft Excel, posteriormente tratados e analisados com apoio do software *Statistical Package for Social Science* (SPSS) versão 29. Utilizou-se estatística descritiva (média e desvio-padrão) para descrição dos dados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise dos resultados, a percepção dos profissionais de enfermagem relacionada ao ambiente de trabalho foi favorável, dado que as subescalas

apresentaram uma pontuação superior a 2,5. Foram analisadas as subescalas referentes à “participação dos enfermeiros na discussão dos assuntos hospitalares” (2,67), “fundamentos de enfermagem voltados para a qualidade do cuidado” (2,90), “habilidade, liderança e suporte dos coordenadores/supervisores de enfermagem” (2,83), “adequação da equipe e de recursos” (2,89) e “relações entre enfermeiros e médicos” (3,00), todas com as pontuações acima da marca de 2,5 indicando um ambiente benéfico aos profissionais.

Esta característica sugere que, em diversos aspectos, os profissionais sentem que possuem um ambiente de trabalho que favorece a qualidade do cuidado prestado. Porém, ao se analisar os itens específicos da escala, como “Reavaliação focada” e “Avaliação da efetividade dos medicamentos administrados”, nota-se médias inferiores (correspondentes a 2,3 e 2,4 respectivamente). As pontuações menores podem refletir em uma área de oportunidade para melhorias nos processos de cuidado e reavaliação.

Em um estudo realizado no Piauí, Leite (2020), foi utilizada a escala PES-NWI global e ao analisar identificou-se que as médias eram bem similares com exceção das subescalas “participação dos enfermeiros na discussão dos assuntos hospitalares” e “adequação da equipe e de recursos”, que apresentaram as médias de 2,4 e 2,5, respectivamente.

Na seara internacional, em uma pesquisa realizada por Ferreira e Amendoeira (2014) em dois hospitais em Portugal, utilizando as mesmas subescalas, foram encontrados resultados discrepantes em relação ao recorte desta pesquisa. Analisando os valores de média, a subescala que mais se sobressai é a de “Fundamentos de enfermagem voltados para a qualidade do cuidado” com média de 3,24, correspondendo à 11% a mais em relação ao presente estudo. Os outros valores analisados são de “participação dos enfermeiros na discussão dos assuntos hospitalares”, “adequação da equipe e de recursos” e “relações entre enfermeiros e médicos”, com os valores de média 2,37; 2,69 e 1,80, indicando que há dois pontos que são prováveis de reflexão em melhoria para aumentar a qualidade do atendimento.

Além disso, a subescala relacionada à “Participação dos enfermeiros na discussão dos assuntos hospitalares” apresentou uma média de 2,67, que segundo Martins *et al.* (2021) os processos gerenciais para a gestão do cuidado se mostram como elementos indispensáveis para o processo de tomada de decisões, planejamento de ações, articulação dos processos de trabalho e o gerenciamento de conflitos e de pessoal.

Ao comparar com outro hospital, percebe-se valores de média mais baixos em Pelotas. Na subescala de “Fundamento”, a média foi de 3,16 em Juiz de Fora. A importância de um ambiente seguro e favorável para a execução da profissão do enfermeiro é inegável. Levando em consideração os benefícios e malefícios que podem ser provenientes de um ambiente desfavorável e estressor, o espaço é relevante para evitar futuros desgastes físicos e emocionais tanto na equipe quanto nos pacientes (KOHN; CORRIGAN; DONALDSON, 2000).

4. CONCLUSÕES

Apesar dos dados indicarem um ambiente favorável ao trabalho de enfermagem, as subescalas com escores menores indicam a necessidade de estimular a participação dos profissionais em discussões para tomadas de decisão no nível da macrogestão hospitalar e melhor avaliação da efetividade na administração de medicamentos dentro do serviço. Nessa temática, as pesquisas

ainda são escassas no Brasil, pois têm relação com a qualidade da assistência hospitalar, que remetem à certificação de qualidade do *Magnet Hospitals*, que ainda é incipiente no território nacional. Assim, a partir deste estudo se visualiza a necessidade dos gestores do hospital atentar para implementação de ações estratégicas no âmbito da participação e do acompanhamento da resposta dos medicamentos pelos profissionais de enfermagem a fim de promover melhores práticas de cuidado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, M. R. S. C. F.; AMENDOEIRA, J. Estudo de adaptação e validação da Escala Ambiente de Trabalho da Prática de Enfermagem para a realidade portuguesa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, n. 48, v. 4, p. 690-697, 2014.

FREIRE, M.N; COSTA, E.R. Qualidade de vida dos profissionais de enfermagem no ambiente de trabalho. **Revista Enfermagem Contemporânea**, Bahia, v. 5, n.1, p. 151-158, 2016.

GASPARINO, R. C et al . Validação da Practice Environment Scale entre técnicos e auxiliares de enfermagem. **Acta paul. enferm**, v. 33, eAPE20190243, 2020.

GASPARINO, R. C.; GUIRARDELLO, E. B.; AIKEN, L. H. Validation of the Practice Environment Scale to Brazilian culture. **J. Nurs. Manag.**, v. 25, n. 5, p. 375-83, 2017.

GUERRA, M.; MARTINS, I.; SANTOS, D.; BERNARDINO, A.; PAIS, A. Ambiente da prática em enfermagem e qualidade dos cuidados. **Gestão e Desenvolvimento**, Portugal, n. 27, p. 181-195, 2019.

LAKE, E.T.; AMARAL, E.F.S.; FERREIRA, P.L. Validation of the Practice Environment Scale of the Nursing Work Index (PES-NWI) for the Portuguese nurse population. **International Journal of Caring Sciences**, Greece, v. 5, n. 3, p. 280-288, 2012.

KOHN, L.T.; CORRIGAN, J. M.; DONALDSON, M. S. **To Err is Human: Building a Safer Health System**. Washington: Committee on Quality of HealthCare in America, Institute of Medicine, 2000.

LEITE, H.D.C.S. **Preditores ambientais para a omissão dos cuidados de enfermagem**. 2020. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Piauí.

MARTINS, K.N; BUENO, A.A; MAZONI, S.R; MACHADO, V.B; EVANGELISTA, R.A; BOLINA, A.F. Processo gerencial em centro cirúrgico sob a ótica dos enfermeiros. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, n. 34, p. 1-11, 2020.

SILVA, M.P.; SILVA, M.F.; WANG, Z.L; MELO, M.F.; GOUVEIA, M.J. Satisfação profissional e a qualidade dos cuidados de enfermagem - uma revisão integrativa. **Gestão e Desenvolvimento**, Portugal, n. 30, p. 363-385, 2022.